

## ESTIGMA ASSOCIADO AO EXAME RETAL DIGITAL: UMA ANÁLISE MULTIFATORIAL NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Carla Boracini Hauch<sup>1</sup>

Emeline Moraes de Oliveira<sup>2</sup>

Raquel Barbosa de Souza Barros<sup>3</sup>

Samara Ferreira Soares<sup>4</sup>

Sarah Franco Vieira de Oliveira Maciel<sup>5</sup>

**Introdução:** A região Sul do Brasil vivencia uma transição epidemiológica em que a morbidade e mortalidade por tumores tendem a superar as causadas por doenças cardiovasculares, devido ao aumento da expectativa de vida e ao avanço nos métodos diagnósticos. No caso do câncer de próstata — neoplasia mais incidente entre os homens, excetuando os tumores de pele não melanoma — o diagnóstico precoce enfrenta entraves, sobretudo pelo estigma associado ao exame retal digital (ERD).

**Objetivos:** Investigar os fatores que dificultam a realização do ERD. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa, com abordagem qualitativa, realizada em abril de 2025. A busca foi feita na base Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores “exame preventivo próstata” e “toque retal”. Foram selecionados quatro artigos originais e duas revisões de literatura, publicados entre 2011 e 2023, conforme pertinência temática e acesso gratuito. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados apontam que as dificuldades na adesão ao ERD podem ser organizadas em três eixos. Individualmente, medo, vergonha e negação do risco foram recorrentes entre os entrevistados. As maiores taxas de realização estão entre homens brancos, de 60 a 64 anos, casados, com maior escolaridade e renda. Em contraste, residentes de áreas rurais e em situação de vulnerabilidade econômica apresentam menor adesão ao rastreamento, sendo os homens negros, acima de 65 anos e com histórico familiar da doença, o grupo de maior risco para o desenvolvimento do câncer de próstata. Do ponto de vista sociocultural, nota-se que a construção da masculinidade associa o autocuidado à perda de virilidade, sobretudo no Sul do Brasil, onde o tradicionalismo acentua o estigma. No aspecto estrutural, destacam-se a concentração dos serviços em áreas urbanas e falhas na abordagem explicativa entre profissionais e pacientes. Observa-se ainda a limitação de algumas práticas à solicitação do exame de PSA (Antígeno Prostático Específico), sem a realização conjunta com o ERD, comprometendo o rastreamento. Além disso, a organização das unidades, voltada à saúde materno-infantil, marginaliza a saúde masculina e afasta esse público. **Conclusões/Considerações Finais:** A persistência de preconceitos revela a complexidade do tema e reforça a necessidade de estratégias integrativas,

<sup>1</sup>Acadêmica de medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, carlahauch@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, emelineoliveiram@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, raquelbarbozasouza@gmail.com

<sup>4</sup>Acadêmica de medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, samaferre00@gmail.com

<sup>5</sup>Doutorado em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Fronteira Sul, sarah.maciel@uffs.edu.br

8<sup>a</sup> Semana Acadêmica de Medicina UFFS: Saúde Global

1<sup>o</sup> Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas

REALIZAÇÃO:



com educação em saúde e ações sensíveis às realidades locais, para ampliar a adesão ao exame e promover um cuidado mais acessível, justo e efetivo.

**Palavras-chaves:** Exame retal digital. Neoplasia prostática. Câncer de Próstata. Educação em saúde.